

# TREINAMENTO DA GINÁSTICA RÍTMICA: REFLEXÕES ESTÉTICAS

Dra. KARENINE DE OLIVEIRA PORPINO

Professora do Departamento de Educação Física e do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Pesquisadora do Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento  
E-mail: karenine@digizap.com.br

## RESUMO

*O texto tem como objetivo refletir sobre os componentes estéticos presentes no treinamento da ginástica rítmica (GR). Tendo a hermenêutica como método, apresenta reflexões a partir de descrições de cenas do vídeo do programa História do esporte, exibido em junho de 2003 pela ESPN Brasil, cujo teor se remete ao dia-a-dia da equipe brasileira de GR em treinamento para os Jogos Pan-americanos de Santo Domingo. Tendo como suporte tais reflexões, discute implicações pedagógicas do ponto de vista estético para o treinamento da GR no âmbito escolar; advindas do modelo de treinamento de alta performance e possíveis interfaces entre esses dois contextos, considerando a necessidade da crítica e do respeito às especificidades de ambos.*

*PALAVRAS-CHAVE: Ginástica rítmica; estética; educação física.*

A ginástica rítmica (GR) é um esporte que reconhecidamente marcou sua história por compartilhar saberes estéticos advindos da arte (música e dança), além daqueles advindos da pedagogia e da medicina. Fruto do Movimento Ginástico Europeu, mais especificamente do Movimento do Centro Alemão, a GR teve como influenciadores e construtores grandes personagens ligados à arte do início do século XX (Llobet, [1998?]).

Com o objetivo inicial de educação das mulheres para o desenvolvimento da graça, da harmonia de formas, da sensibilidade e da delicadeza, a GR transformou-se, ao longo do século XX, numa modalidade esportiva cuja execução dos movimentos pode ser caracterizada por um complexo nível de dificuldade. Os detalhes técnicos de grande exigência física e expressiva, sistematizados nas regras oficiais desse esporte na atualidade, mostra-nos a distância que hoje podemos perceber entre os objetivos atuais e os objetivos iniciais predominantemente formativos (Rossete, 1997). No entanto, apesar da caracterização atual da GR, bastante distinta do que se denominou ginástica moderna na primeira metade do século XX, podemos perceber que o componente estético ainda é bastante presente e interfere decisivamente no reconhecimento desta modalidade no cenário esportivo nacional e mundial.

É objetivo deste texto refletir sobre esses componentes estéticos presentes no treinamento da GR, como forma de contribuir para a compreensão desta modalidade esportiva que se renova a cada dia, reelaborando e dando novos sentidos a elementos presentes em sua própria história e nos diversos contextos em que atua.

O texto apresenta-se em duas partes: a primeira toma como referência descrições de cenas do vídeo do programa *História do esporte*, exibido em junho de 2003 pelo canal ESPN Brasil, cujo teor se remete ao dia-a-dia da equipe brasileira de GR em treinamento para os Jogos Pan-americanos de Santo Domingo. Tomei para as descrições a serem analisadas algumas cenas que julguei significativas para discutir os aspectos estéticos presentes no treinamento de alto nível da GR. Tendo como suporte as reflexões realizadas, a segunda parte discute algumas implicações pedagógicas do ponto de vista estético para o treinamento da GR no âmbito escolar, advindas do modelo de treinamento de alta performance, bem como algumas interfaces possíveis entre esses dois contextos.

Nesse percurso, a hermenêutica (Ricoeur, 1976) nos permite olhar em direção à fonte utilizada para análise como construção cultural cujos sentidos podem ser resignificados em múltiplas possibilidades, considerando-se a articulação entre seus conteúdos, seus contextos e a minha interpretação, cuja procedência articula vivências como ginasta, técnica de GR e professora de educação física.

Vale considerar inicialmente a compreensão de que a dimensão estética não é atributo somente da GR ou de outros esportes que reconhecidamente têm alguma relação com a dança, como o nado sincronizado ou a patinação artística, por exemplo. Acredito que a dimensão estética também pode estar presente em outros esportes, principalmente se considerarmos a vertente apontada por Lovisolo (1997) do esporte-espetáculo, cujo objetivo de "impactar nossas emoções, sentimentos e sensibilidade" explicita um teor estético que tem sido potencializado pela mídia nos últimos tempos. No entanto, ao considerar a dimensão estética da GR neste texto, não estarei considerando somente o espetáculo, o produto, ou seja, o momento em que as séries (coreografias) são apresentadas em competições, mas também outras situações do processo de construção do espetáculo (treinamento), em que os aspectos estéticos são significativos e preponderantes para que o produto se torne espetacular. Nesse contexto, entendo que treinamento é um processo complexo que abrange várias situações que se articulam, dentre elas: a preparação física, técnica, tática e psicológica, bem como o momento de participação em competições e momentos posteriores.

## DESCRIÇÕES DO TREINAMENTO DA GINÁSTICA RÍTMICA EM PERSPECTIVA ESTÉTICA

DESCRIÇÃO I – O dia de treinamento da equipe brasileira de GR, categoria conjunto, começa com a aferição do peso. Uma a uma, as ginastas sobem na balança para conferir se seus corpos aproximam-se ou distanciam-se das metas de peso previamente definidas. Uma das ginastas confessa que a questão do peso é um estresse na vida da ginasta, pois elas têm uma meta a ser alcançada, mas nem todas conseguem, o que implica muitas vezes o desligamento da ginasta da equipe e, conseqüentemente, da oportunidade de concretizar o sonho de ser campeã. A assistente técnica da equipe comenta que controlar o peso para atender aos ideais de corpo das competições internacionais é difícil e que tal dificuldade é um passo para a desistência de atletas entre 15 e 18 anos. Muitas ginastas já ficaram doentes pelo rigor do controle do peso. É comum elas se sentirem culpadas por comerem; comem e querem vomitar. O controle da alimentação é rígido, mas é facilitado pelo fato de passarem a semana em regime de internato. A alimentação é balanceada por uma nutricionista, mas há casos em que as ginastas são flagradas escondendo pizzas dentro dos armários, para satisfazerem o apetite à noite. A boa ginasta, no entanto, é aquela que tem força de vontade para resistir às tentações e manter o peso. Para as brasileiras o cuidado com o peso é imprescindível, já que seus corpos são bastante diferentes dos corpos das européias, comenta outra treinadora da categoria individual.

As preocupações com um corpo que atenda aos padrões estéticos necessários para garantir boas performances é ponto relevante para a escolha e a manutenção de ginastas em equipes que pretendem participar de competições internacionais. Mas que estética é essa? Que corpo é esse?

A estética do corpo que se pretende na GR é uma estética centrada no modelo de um corpo esguio e longilíneo, padrão internacional de corpo das ginastas de alto nível que têm garantido as medalhas olímpicas. A busca por uma estética corporal que ao menos se aproxime dos padrões internacionais da modalidade começa desde a escolha das ginastas para comporem as equipes e se mantém durante todo o treinamento com o controle regular do peso. A estética corporal pretendida está atrelada aos movimentos que esse mesmo corpo é capaz de realizar na modalidade e repercute também na possibilidade de manter a elegância, a graça e a exuberância nas execuções das séries.

Percebemos, nesse caso, uma concepção de estética objetivista que tem como referência o objeto, um modelo de beleza a ser seguido. Esta é uma referência de estética que remonta ao ideal clássico apolíneo de beleza (Sánchez Vásquez, 1999). Apolo, deus da medida, da ordem, da proporcionalidade, da simetria, da harmonia de formas e do equilíbrio, mascara a verdadeira realidade, seu oposto Dioniso, o desvelador da realidade bruta e devastadora da vida, capaz de promover a reconciliação do homem com a natureza (Nietzsche, [19—]). O ideal grego apolíneo de beleza foi retomado posteriormente no Renascimento, transferindo para o corpo do homem (e não mais dos deuses) a fonte de beleza. Essa concepção estética está presente em várias situações contemporâneas, a exemplo do ideal de beleza centrado no corpo das ginastas olímpicas. É esse o padrão a ser copiado, desejado e imitado, mesmo que as condições para tal signifiquem sofrimento ou negação de estéticas próprias.

DESCRIÇÃO II – O conjunto da seleção brasileira de GR tem em média 70 movimentos e é repetido cerca de 200 vezes por treinamento. A repetição é fundamental para que o movimento seja realizado com perfeição, comenta a treinadora, que também evidencia a composição da coreografia como uma rica possibilidade de mostrar o que cada ginasta tem de bom quanto à qualidade dos movimentos. A apreciação de vídeos de participações em competições anteriores também parece ser um momento importante que compõe o treinamento da GR. As ginastas sentem-se motivadas para os próximos treinos e percebem que os sacrifícios não são em vão. Para as atletas que competem na categoria individual, a Confederação Brasileira de Ginástica, representada pela sua presidente, explicita os planos de trazer uma treinadora ucraniana para lapidar os movimentos das brasileiras e para que

as ginastas aprendam a não errar como as ginastas internacionais. Ainda no local de treinamento, o narrador, considerando-se leigo, comenta que no momento em que a coreografia é repetida na íntegra, o ginásio se enche de encanto e é evidente o desejo de aplaudir. Diante do vídeo da apresentação das atletas brasileiras na olimpíada de Sidney, ele refere-se à GR como o mais belo dos espetáculos olímpicos, de deixar gente boquiaberta. Um espetáculo “encantador” e “digno das medalhas mais brilhantes”.

Não basta ter um corpo perfeito ou esteticamente apropriado para a modalidade. É preciso submeter esse corpo ao treinamento, para que a ginasta seja capaz de realizar as proezas mais difíceis e também mais belas. As preocupações estéticas estão presentes no treinamento da GR desde a escolha das atletas para composição das equipes, até o momento em que a atleta se apresenta. Tais preocupações mantêm-se presentes durante as diversas fases do treinamento.

O bom resultado de um treinamento requer uma atenção especial aos fatores estéticos que estão implícitos na caracterização desta modalidade esportiva. Não basta, por exemplo, recepcionar um lançamento no tempo e espaço exato e previsto, mas fazê-lo com graça, elegância, beleza. Não basta ser flexível, mas também saber utilizar-se da própria flexibilidade de forma expressiva, original e exuberante. O planejamento de um treinamento esportivo engloba vários momentos e exige uma organização necessária para que os esforços das fases precedentes venham a ser reconhecidos e suficientes para a obtenção de boas performances nas fases posteriores. Como em outros esportes, a preparação física, a técnica e a tática são partes essenciais do treinamento, e no entanto percebemos que tais componentes no treinamento da GR apresentam-se imbuídos de uma dimensão estética que os especifica e os torna peculiares a esta modalidade esportiva.

A preparação física no treinamento da GR, segundo Laffranchi (2001), deve ser voltada para os próprios movimentos do esporte. Assim, boa parte desse processo é realizada a exemplo de uma aula de dança, tendo a barra e o centro como espaços possíveis para o treinamento das qualidades físicas necessárias, associadas aos movimentos de técnicos da GR e da dança. A autora também sugere como parte da preparação física a realização de aulas de balé clássico, como forma de “aprofundar o aprendizado da técnica do trabalho corporal” (p. 32). O balé tem sido apontado comumente como técnica de base para a formação das ginastas, mesmo quando há referências a outros estilos de dança. Fernandez Del Valle ([1996]), ex-técnica da Equipe Nacional da Espanha e árbitro internacional, aponta-nos a dança contemporânea e as danças características dos diversos países como referências no treinamento da GR. Comenta sobre uma nova adaptação a novas tendências da dança, a exemplo da dança contemporânea, com formas mais arredondadas e soltas, movimen-

tos de contração e relaxamento e regras menos rígidas. Apesar de citar as danças populares também como referência capaz de ampliar os sentidos do ritmo, da música e da capacidade de dançar, contraditoriamente volta a considerar o balé clássico como técnica de base, apresentando uma série de exercícios de barra, por acreditar que este é ponto de partida para outros tipos de dança.

No que tange à referência da dança e ao aperfeiçoamento de movimentos que farão parte das composições das séries, a preparação física traz consigo a busca pela beleza e elegância dos movimentos, bem como uma harmonia e compatibilidade com a música.

Na preparação tática, os componentes estéticos da modalidade também se mostram como elementos significativos. Dentre os fatores táticos mencionados por Fernandez Del Valle ([1996?]), destacamos: a combinação e a estética da vestimenta, do penteado e da maquiagem; a entrada e saída da ginasta na área de competição com suavidade, firmeza, beleza e elegância; a renovação e a criação de novos programas de exercícios; a seleção musical; o desempenho da ginasta na área de competição com beleza, originalidade e relação de reciprocidade com o aparelho utilizado (corda, arco, maças, fita ou bola) e a utilização de elementos novos e originais na coreografia. As preocupações com as vestimentas, os adornos e a música, bem como o estilo elegante e a originalidade da coreografia, fazem parte de uma preocupação geral com a estética e concorrem significativamente para a beleza do espetáculo a ser apresentado.

A preparação tática na GR talvez seja o componente que mais difere do treinamento de outros esportes do ponto de vista estético. Na visão de Laffranchi (2001), a preparação tática se dá a partir da montagem das coreografias que tentam aliar originalidade e beleza às qualidades das ginastas e da música dentro dos limites e orientações impostos pelo regulamento da modalidade.

A composição das séries de conjunto e individuais também carece de uma visão estética que possibilite articular os movimentos necessários e possíveis de serem realizados, de forma que, além de garantir as exigências técnicas, também expressem plasticidade e originalidade. Para compor uma série que encante é preciso ousar, saber articular possibilidades do movimento criativamente para que o conjunto possa parecer belo e original para quem o aprecia.

Na GR, a coreografia pode ser entendida como a combinação do movimento da ginasta (considerando os elementos técnicos obrigatórios na regras da modalidade), sua distribuição criativa no espaço destinado a sua execução e a relação com o ritmo musical (Llobet, [1998?]).

O papel de uma treinadora de GR necessita de qualidades cujas dimensões estéticas não se conseguem somente com estudo ou dedicação. Concordo com

Llobet ([1998?]) que a composição de uma coreografia não é uma ação que se possa aprender somente a partir da leitura de livros, da apreciação de apresentações teatrais ou de diversos campeonatos, mas é um resultado de muitos fatores, como análise do espaço, reflexões sobre um tema, avaliação dos meios disponíveis e do número de pessoas envolvidas. Chamo a atenção para o fato de que a experiência da apreciação crítica, o bom gosto, a sensibilidade e a flexibilidade adaptativa são de fundamental importância para a criação coreográfica na GR.

Quanto à preparação técnica, compreende-se que, além da obtenção da maior eficiência do movimento ginástico com o mínimo de esforço, objetiva-se também o virtuosismo dos movimentos realizados. Aqui, evidencia-se a busca incessante pela perfeição do movimento a partir de infindáveis repetições e correções detalhadas (Laffranchi, 2001). A fim de ampliar os meios utilizados na preparação técnica, Fernandez Del Valle ([1996?]) sugere vídeos, fotografias, apresentação de um modelo ideal de ginasta e expressões orais e escritas. A iniciativa da apreciação de vídeos e fotografias pelas ginastas também pode ser apontada como momentos do treinamento nos quais preocupações com a estética estão presentes. Mesmo para fomentar a idéia da vitória, a apreciação de vídeos não deixa de ser um momento de formação estética das ginastas, quando, diante da beleza das apresentações de outras equipes, podem se deslumbrar e ao mesmo tempo problematizar a sua própria experiência.

O período competitivo, que também faz parte do treinamento, talvez seja o momento no qual essa estética a que nos referimos esteja mais presente e visível. No momento da apresentação, o esforço realizado durante os treinos cede visibilidade à beleza, à plasticidade e ao encantamento do público. Para o público, a GR pode se constituir uma rica possibilidade de vivência estética, ou seja, uma experiência arrebatadora que percorre o corpo, que provoca uma certa "embriaguez" dos sentidos, como diria Nietzsche (19[—]). A precisão nos lançamentos; a expressividade, a sincronicidade e a relação de reciprocidade entre as ginastas de um conjunto; a leveza e a plasticidade na realização de movimentos de grande dificuldade parecem tirar o fôlego de quem aprecia esse espetáculo. O resultado da busca por uma estética perfeita no treinamento parece realizar-se no momento da apresentação competitiva, atendendo às prerrogativas de uma concepção de beleza que "desencoraja qualquer idéia de retoque", que se dá na reciprocidade entre aquele que aprecia e o apreciado (Dufrenne, 1998). Tal concepção fenomenológica de estética nos permite pensar que a busca por essa beleza exuberante é uma das formas de o homem sentir-se no mundo. Uma apresentação de GR realizada na sua melhor performance pode nos oferecer esse participar do mundo pelo sentido da beleza.

A vivência estética proporcionada por uma série de GR pode fazer vibrar os corpos dos apreciadores, suscitar incredulidade diante de tamanha exuberância, sensações de entusiasmo e questões nunca antes pensadas. Eis a estética da GR também pensada do ponto de vista do apreciador.

DESCRIÇÃO III – O treinamento de conjunto da equipe brasileira é tido como um momento árduo para a ginasta. Além do rígido controle do peso, a repetição contínua das séries leva à exaustão e à fadiga muscular. O erro, o cansaço, o desânimo, a fome, os problemas pessoais não são bem vistos pela treinadora, que com seu olhar minucioso avalia todos os detalhes. Nada deve provocar desânimo ou ser maior do que a vontade de vencer. Uma das ginastas da categoria conjunto confessa que é difícil, pois o corpo já não vai mais agüentando, com o passar do tempo, constantemente sente dores no joelho, mas para atingir o objetivo de ir para as Olimpíadas vale qualquer sacrifício. O psicólogo que acompanha a equipe também parece sentir-se maravilhado com o resultado do trabalho quando diz que o que as ginastas fazem é divino. Porém, chama a atenção para a vida infernal que tais meninas levam, vida essa em que a rígida cobrança e a distância da família tornam-se motivo para a insegurança. O narrador não deixa dúvidas de que uma apresentação de GR é uma experiência estética significativa. Comenta valer a pena para quem aprecia, mas coloca em dúvida se vale para a ginasta que troca a juventude pelos treinos.

O esplendor da vivência estética proporcionada por uma apresentação da seleção brasileira é sustentada por “uma vida de cão”, como se refere a treinadora Bárbara Laffranchi, ao falar da vida das suas ginastas. Beleza e sofrimento parecem manter estreitas relações. A beleza aqui é uma qualidade que se impõe a base de sacrifícios corporais para adequação a um modelo de performance. O sacrifício é recompensado pela significativa experiência estética que se concretiza nos momentos das apresentações ou participações competitivas. Aqui está Apolo novamente, a beleza que mascara a realidade devastadora da vida somente capaz de ser mostrada por Dioniso. O prazer de vencer também cumpre o papel de tornar o sacrifício válido. É o preço de ser campeão, um sonho de muitos, e um prazer de poucos atletas.

Observa-se, assim, uma relação paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que o sacrifício é justificado pela concretização de uma estética esperada, é na negação de uma estética de vida que esse sacrifício é realizado. Nos remetemos aqui à negação de uma “linguagem do gosto” fundada nas vivências estéticas pessoais e priorização de uma “linguagem da utilidade” que se mostra visível nos processos de treinamento, cuja utilidade é a vitória (Lovisoló, 1997). É visível, nessa situação, a

priorização de uma estética pré-concebida, pautada nos ideais de performance internacionais, e ao mesmo tempo a negação de outras estéticas corporais e vivências estéticas da própria ginasta, presentes por exemplo em ações cotidianas relativas à alimentação, ao convívio familiar e às formas de perceber e aceitar o próprio corpo.

Concordo com Melo (2003) que os recordes e as boas performances no “esporte-rendimento” têm se realizado à custa de visíveis sacrifícios do corpo. Este é comumente tratado como uma máquina que deve ser moldada para superar limites e obter vitórias, o que denota uma explícita contradição à visão de que esporte é sinônimo de saúde. O fato é mais agravante se considerarmos hoje um “rejuvenescimento” da GR, ou seja, os resultados satisfatórios da modalidade têm sido obtidos por ginastas cada vez mais jovens (Laffranchi, 2001). Essa situação por si só denuncia a precocidade do treinamento dessa modalidade esportiva, que direciona seus processos sistemáticos para obtenção de resultados de performance ainda na infância. A implantação de “métodos potentes e rápidos” no treinamento, com vistas a elevar rapidamente o nível de performance de ginastas infantis e juvenis, tem obtido êxito, e no entanto tem provocado problemas de saúde, perturbações psíquicas e minimização da “longevidade desportiva”. A autora citada acredita na necessidade de um treinamento de formação iniciado ainda na infância (5 a 8 anos), de forma que a aplicação das atividades priorizem um caráter lúdico e recreativo. Somente depois de assimilar as metas dessa fase é que a criança pode passar para a fase do Treinamento de Desenvolvimento, cujo objetivo é dar continuidade e aperfeiçoar as bases da fase precedente. Somente após essa meta, a ginasta poderá passar para a etapa de Treinamento de Desenvolvimento Avançado, em que poderá iniciar “o treinamento periodizado de alto rendimento” com ampliação do tempo de treino, cobrança de resultados e adequação ao “regime de vida desportiva”. O respeito às fases do treinamento, oferecendo bases iniciais sólidas para as atividades mais complexas, é uma preocupação explícita na proposta apresentada pela autora, no entanto, a partir dos nove anos, a criança já pode ser considerada apta a compor o Treinamento de Desenvolvimento Avançado, cujas preocupações com o alto rendimento precedem a fase do Treinamento de Alta Performance.

Ressalto nessa discussão a necessidade da preparação psicológica, ainda não mencionada neste texto, como forma de minimizar as seqüelas deixadas pela árdua disciplina que requer o treinamento da GR em níveis elevados de competição. A preparação psicológica deve também educar a ginasta para um trabalho que exige grande vontade de sacrifício e espírito de superação, sendo essas condições imprescindíveis para que a ginasta não desanime na medida em que avancem os processos de treinamento (Llobet, [1998?]).

## ESPORTE DE ALTA PERFORMANCE E ESCOLA: IMPLICAÇÕES PEDAGÓGICAS DO PONTO DE VISTA ESTÉTICO

Em todo o texto, ressaltei a GR como modalidade esportiva, dando prioridade às reflexões de caráter estético relacionadas ao contexto do treinamento de alta performance. A preocupação em finalizar o texto tomando como referência a educação física se dá pelo fato de esta comumente manter relações estreitas com o modelo de treinamento de alto nível na busca da descoberta e da formação de talentos para as grandes competições. Essa concepção de educação física, denominada por Kunz (2000) de *técnico-desportiva* é ainda tida como hegemônica no contexto escolar, apesar das concepções críticas formuladas e discutidas no Brasil a partir da década de 1990.

O vínculo com as prerrogativas do esporte de alto nível tem suas raízes com a esportivização da educação física no Brasil impulsionada pela introdução do Método Desportivo Generalizado ou Método da Educação Física Desportiva Generalizada, na década de 1960, cuja transposição dos códigos e sentidos da instituição esportiva viriam contrapor-se aos antigos métodos ginásticos. A subordinação da educação física às referências do esporte olímpico e dos sistemas esportivos nacionais e internacionais ainda se faz presente na escola quando são priorizados os princípios de rendimento, a vitória nas competições, os modelos de performances mundiais e a rígida regulamentação, dentre outras características (Coletivo de autores, 1992).

No que se refere aos aspectos estéticos discutidos, considere alguns pontos para reflexão em torno do esporte na escola, tendo como base a inadequação dos modelos do esporte de alta performance nesse contexto. O primeiro deles é a valorização de uma estética objetivista, centrada no objeto e em um modelo pré-definido de beleza a ser copiado e almejado acriticamente. Entendemos que a escola é um espaço para a reflexão e vivência de múltiplos referenciais de beleza e de uma concepção de estética que abarque a reciprocidade entre o sujeito e o objeto, a coisa percebida e aquele que a percebe, como forma de incluir o sujeito como parte indispensável nos processos de conhecimento, cuja dimensão estética é parte integrante e necessária (Porpino, 2003).

O segundo ponto a refletir é sobre a priorização de aspectos normativos e utilitários em detrimento da valorização de aspectos ligados ao gosto ou à vivência estética e lúdica, que se dá nas múltiplas possibilidades de escolhas, de interpretações e criação da beleza. Aqui a situação agrava-se com a possibilidade da iniciação precoce do treinamento, ou seja, com a antecipação dessa visão normativa e utilitária ainda na infância, fase da vida marcada significativamente pela brincadeira. Res-

salto que a escola não é lugar para os sacrifícios corporais, nem tampouco negação das subjetividades em prol de altos níveis de performance, visto que o objetivo da escola não é o de formar campeões, mas de promover uma educação que permita ao aluno exercer sua cidadania, sua participação política e social de forma crítica, contextualizada, a partir da utilização de várias linguagens e do uso criativo de várias fontes de informação como possibilidade de mudar a realidade em que vive (Brasil, 2000). Aqui, mais especificamente no âmbito da educação física, cabe conhecer e criticar os múltiplos contextos e códigos do esporte, questionando suas regras, suas condições de existência, seus objetivos e seus atores.

Tendo o cuidado para não transpor experiências entre contextos bastante distintos, acredito que alguns componentes estéticos presentes no treinamento da GR aqui descritos podem se constituir referências significativas para a educação física escolar, desde que a tônica seja discutir, problematizar e contextualizar as referências estéticas abordadas, e não fomentar a visualização de modelos únicos. Destaco aqui a apreciação de vídeos e fotografias, as múltiplas possibilidades de criação coreográfica e de modelos de vestimenta para apresentação, que na escola podem tomar uma forma coletiva, as experiências com a dança (não somente com o balé clássico) como possibilidade de enriquecer as possibilidades expressivas, bem como a vivência do desafio, da superação de limites e das múltiplas possibilidades lúdicas de manipulação criativa dos aparelhos de ginástica.

Discutir sobre a GR como um esporte contemporâneo e em ascensão no Brasil pode ser visto como possibilidade também de refletir sobre concepções estéticas presentes nos ideais de corpo e de movimento pré-definidos para o treinamento de alta performance e os limites que esses referenciais podem representar para a formação estética.

Para finalizar, percebemos que as relações entre o esporte no âmbito da escola e o esporte no âmbito do treinamento de alta performance podem tomar várias nuances. Considero que a transposição descontextualizada de experiências de uma situação para outra pode ser desastrosa e indesejável, e no entanto, entendemos que o diálogo entre esses dois contextos em que se vivencia a GR pode ser possível se considerados uma visão crítica e o respeito às especificidades de cada um deles. Na busca de compreender o esporte, a escola não pode negar nem desconsiderar o esporte de alta performance como uma das possibilidades de vivência desta manifestação cultural. Da mesma forma, talvez o esporte de alta performance precise do referencial do esporte escolar para compreender outras formas de vivência de si mesmo. Vivências menos sacrificantes e espetaculares, porém mantedoras de componentes estéticos mais necessários à vida do que à vitória nas competições.

## Rhythmic gymnastics training: aesthetic reflections

*ABSTRACT: The text aims to reflect on the aesthetic components present in the training of Rhythmic Gymnastics. Having the hermeneutics as a method, it presents reflections based on descriptions of scenes from the videotape of the program História do Esporte, shown in June of 2003 by ESPN Brazil, which covers the day by day of the Brazilian Rhythmic Gymnastics team, then training for the Santo Domingo Pan-American Games. Having such reflections as basis, it discusses, from the aesthetic point of view, the pedagogical implications for the training of Rhythmic Gymnastics in school generated by the high performance training model and possible interfaces between the two contexts considering the needs of critics and the respect to the specificities of both.*

*KEY-WORDS: Rhythmic gymnastics; aesthetics; physical education.*

## Entrenamiento de gimnástica rítmica: reflexiones estéticas

*RESUMEN: El texto tiene como objetivo reflexionar sobre los componentes estéticos existentes en el entrenamiento de la Gimnasia Rítmica. Desde un enfoque hermenéutico se presentan reflexiones a partir de descripciones de escenas de la película del programa História do esporte exhibido en junio de 2003 por ESPN Brasil. El mismo trata sobre el día a día del equipo brasileño de GR durante su entrenamiento para los juegos Panamericanos de Santo Domingo. A partir de este material, se discuten implicaciones pedagógicas desde un punto de vista estético, relacionado el entrenamiento de la GR con el ámbito escolar. De esta manera, a partir del modelo de entrenamiento de alto nivel, se proponen posibles integraciones entre esos dos contextos, considerando una crítica y un respeto a las especificidades de ambas.*

*PALABRAS CLAVES: Gimnasia rítmica; estética; educación física.*

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física*. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.

DUFRENNE, M. *Estética e filosofia*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

FERNANDEZ DEL VALLE, A. F. *Gimnasia rítmica deportiva: aspectos y evolucion*. Madrid: Librerías Deportivas Esteban Sanz, S. L., [1996?].

LAFFRANCHI, B. *Treinamento desportivo aplicado à ginástica rítmica*. Londrina: Unopar Editora, 2001.

LLOBET, A. C. *Gimnasia rítmica deportiva: teoría y práctica*. Barcelona: Editorial Paidotribo,

[1998?].

LOVISOLO, H. *Estética, esporte e educação física*. Rio de Janeiro: Sprint Editora, 1997.

KUNZ, E. *Transformação didático-pedagógica do esporte*. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

MELO, J. P. Sacrifícios do corpo no esporte. In: LUCENA, R. F.; SOUZA, E. F. (Orgs.). *Educação física, esporte e sociedade*. João Pessoa: Editora UFPB, 2003.

NIETZSCHE, F. *A origem da tragédia*. São Paulo: Editora Morais, [19—].

PORPINO, K. Interfaces entre corpo e estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na educação física. In: LUCENA, R. F.; SOUZA, E. F. (Orgs.). *Educação física, esporte e sociedade*. João Pessoa: Editora UFPB, 2003.

RICOEUR, P. *Teoria da interpretação: o discurso e o excesso de significação*. Lisboa: Edições 70, 1976.

SÁNCHEZ VÁSQUEZ, A. *Convite à estética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

ROSSETE, E. F. C. O julgamento da ginástica rítmica desportiva. In: SOUSA, E. S.; VAGO, M. M. (Orgs.). *Trilhas e partilhas: educação física na cultura escolar e nas práticas sociais*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora Cultura, 1997.

Recebido: 1 abr. 2004

Aprovado: 8 jun. 2004

Endereço para correspondência

Karenine de Oliveira Porpino

Rua Pastor Gabino Brelaz, 1419

Bloco C – Apto. 102

Natal-RN

CEP 59087-010